Manaus em 1950 (Robério Braga)

Não faz tanto mais há quem não conheça, quem não se lembre ou nem tenha tipo nunca tais informações, da chamada cidade sorriso, que refloria no meio da selva amazônica depois de anos a fio de quase completo abandono.

Em 50, ano do século passado, a capital amazonense tinha mesmo outras características, problemas, prazeres, tipo de vida, tudo bem diferente do que se dá nos anos que correm, no século novo, no milênio que mal nasceu.

Os problemas urbanos ainda não se avolumavam com o ritmo intenso de agora. A maioria da população residia no interior do Estado, ficando a capital, mesmo com os problemas que atravessava, livre da superpopulação que hoje ostenta.

O Município tinha uma área de pouco mais de 73 mil quilômetros quadrados, cerca de 4,60 do território estadual, com uma população de pouco mais de 142 mil habitantes, correspondente a pouco menos de 27 por cento da população de todo o Estado que chegava a quase 531 mil habitantes.

Era ainda uma cidade pacata, bucólica, com um comércio regional, que arrecadava impostos de consumo, de renda, de selo e de importação na ordem de 32 mil cruzeiros, movimentando produtos de origem animal. Um item forte era o comércio de capotagem e seguido pela exportação. Era mesmo uma cidade pequena, quase acanhada para o que se transformou, mais com resquícios de desenhos urbanos do passado de riqueza.

Possuía pouco mais de 450 automóveis e 74 ônibus, 293 caminhões, 11 bondes em circulação e um movimento portuário de cerca de 500 navios por ano. Os passageiros urbanos, em transporte coletivo se resumiam a 7.700 por bondes e 6,100 em ônibus, que eram atendidas em 9 postos dos correios, 7 estações radiotelegráficas e uma estação radiotelegráfica telefônica. De todos os habitantes somente 1.382 eram assinantes dos serviços de telefone particulares.

O movimento da construção civil era reduzido. Somente 82 obras foram autorizadas, com área coberta de pouco mais de 9 mil metros quadrados e cerca de 13 mil metros de área de piso. Os registros indicam que somente 1.092 imóveis foram transacionados e 141 hipotecas realizadas no ano anterior. Os registros bancários indicaram a compensação de 1.441 cheques através do Banco do Brasil, sem considerar os poucos negócios feitos pela única casa de penhores existente. Eram 1.945 casas de comércio que empregavam perto de 2.000 pessoas, homens na sua quase totalidade. Estas comparações merecem ser feita com os 63 estabelecimentos indústrias existentes e que vendiam por ano cerca de 165 mil cruzeiros.

Toda a estrutura urbana se resumia a cerca de 10 mil prédios,, 12 jardins, 36 vias

arborizadas, 135 áreas públicas pavimentadas, um único ponto de captação de água, menos de 5 mil metros de rede de fornecimento de água encanada, 1 estação elevatória, 2 reservatórios com capacidade para perto de 11 mil litros, 150 registros para combate a incêndio distribuídos nas diversas ruas, 43 mil metros de rede de esgoto, 198 logradouro por luz elétrica e pouco mais de 11 mil ligações domiciliarias com 720 pontos de iluminação na rede pública.

Cerca de 25 funcionários coletavam o lixo, ao lado de outros 40 que atendiam a limpeza regular, coletando cerca de 845 metros cúbicos dia, em 312 dias do ano.

Sete asilos ou hospitais de recolhimento atendiam a perto de 3 mil pessoas. O sistema de cooperativa nascia com 3 cooperativas e cinco mil associados que rivalizavam com 34 sindicatos e outras organizações trabalhistas das quais apenas 7 eram de empregados. Tudo representava cerca de 5.000 pessoas sindicalizadas. O sistema escolar era composto, somente em Manaus de 14 escolas de curso pré-primário, 223 de ensino primário com mais de 500 professores e uma matrícula efetiva de 13 mil alunos, que utilizavam 16 bibliotecas com acervo na ordem de 130 mil volumes. Circulavam 10 jornais e cinco revistas, e a população era servida por duas emissoras de radiodifusão.

Ainda no campo do lazer a cidade oferecia 4 cinemas, 3 cine teatros, 1 teatro. O público comparecia aos espetáculos, como no ano de 1949 em que foram registradas 5.645 pessoas, prestigiando os 65 espetáculos de teatro, e as 4.980 sessões de cinema, chegando a receber mais de 30 mil pessoas para as artes cênicas de 819 mil espectadores de cinema.

Quem chegasse a Manaus teria apenas 1 hotel, 4 pensões, 9 paróquias católicas, 53 igrejas, 145 procissões.

Manaus arrecadava, por todas as suas fontes de receita, pouco mais de 10 mil cruzeiros, mas era possível ver uma cidade elegante com o seu palácio do Governo, o Palácio Rio Branco, a praça de São Sebastião, o Hotel Amazonas, a bela praça de Oswaldo Cruz, e a imponente catedral com um jardim reservado, o parque 10 de novembro com sua piscina de água natural, corrente, com 110 metros de comprimento, além da tradicional piscina do estádio General Osório com seu jacaré que jorrava água límpida, ou mesmo, bem na entrada da cidade, o marco de 1948. Não há como deixar de registrar a praça da Saúde ou do Congresso, como o povo chamava naqueles anos, e que ainda estava recortada de ruas e pela avenida de Eduardo Ribeiro. Era a praça que podia ostentar seu palacete, o dos Miranda Corrêa. Naquela Manaus era possível encontrar o resultado da pescaria de peixe-boi, ver os caboclos preparar a mixira, conhecer a armazenagem do couro de onças vindos do interior, ou encontrar o pirarucu estirado depois de uma batição.

Essa Manaus se foi, e se foi quando eu vinha chegando. Eu não a vi, mas juro que parece que vivi.

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura